

REFLEXÕES SOBRE A GUERRILHA

— Cap de Eng (do Serviço de E-M), ANTÔNIO
MIR SALAS

— Tradução e Notas pelo Ten-Cel de Art (de Estado-
Maior) JONAS CORREIA NETO.

— I —

A GUERRA DE GUERRILHAS

a. Há hoje um grande interesse, por parte de todos os exércitos, no estudo do que se vem denominando “guerra de guerrilhas”, e na preparação para esta guerra. Nosso exército acompanha passo a passo este movimento, sendo disto uma prova a existência da instrução de guerrilhas e os artigos publicados nesta e noutras revistas de caráter militar. (I).

Oferecemos aos leitores estas reflexões, fruto da meditação e da leitura de alguns trabalhos sobre o problema da guerrilha, tão antigo mas tão moderno, e tão vivo em nossos dias. Nelas encontrarão coisas já sabidas e algumas opiniões com que, de antemão sabemos, nem todos concordarão, mas, pelo menos servirão para lhes apresentar uma perspectiva diferente de alguns aspectos concretos e, sobretudo, dar-lhes-ão mais uma oportunidade para refletir e assim aperfeiçoar os conhecimentos que possuem sobre o tema.

b. Diversidade de Critérios

Depois de ler uma porção de escritos sobre guerrilhas, sentimo-nos um tanto desconcertados pela diversidade de opiniões e de critérios expostos, que impedem chegar-se a um conhecimento claro e preciso do assunto. Há quem considere como sinônimas as expressões “guerra subversiva” e “guerra de guerrilhas”, e há quem as distinga inteiramente. (II). Há quem opine que as guerrilhas devem ser organizadas pelos exércitos, com suas próprias unidades, enquanto que outros acham que elas devem ser constituídas única e exclusivamente por civis, agrupados em torno de um chefe espontâneo, surgido da massa do povo. (III). Às vezes se confunde o “comando” com a “guerrilha”, a “infiltração” com a “guerra de guerrilhas”, o “guerrilheiro” com o “sabotador”, o “terrorista”, o “agitador”, etc. (IV).

(*) Da revista espanhola Ejército — n. Mai-Jun 64.

Cremos que o problema da guerrilha, em muitos casos, não tem sido focalizado em toda a sua extensão, mas estudado apenas parcialmente; noutros, não tem sido levada na devida conta a evolução por que vem passando através dos anos, e principalmente nestes últimos tempos, seguindo o compasso evolutivo da guerra em geral.

Já foi mencionado que o problema da guerrilha é velho, mas é novo. De fato, é antigo, porque a guerrilha existe desde a mais remota antiguidade; e é moderno, porque ultimamente se apresenta com características renovadoras, sistematizou-se, organizou-se e, acima de tudo, a *subversão adotou-a como meio para alcançar seus fins*. Eis porque já não se pode considerar a guerrilha como um caso particular da batalha, senão como uma guerra especial, no mesmo nível da guerra nuclear. "No estágio atual da sua evolução, pode-se dizer que, na arte militar, a guerrilha é uma novidade comparável à bomba atômica". (1).

A guerra de independência espanhola marcou uma etapa importante na evolução da guerrilha, o mesmo ocorrendo com as guerras subversivas da China, Indochina e Argélia. (V).

c. Conceito de Guerrilha

A primeira pergunta que podemos formular é: o que é realmente a guerra de guerrilhas?

Vamos buscar a sua resposta numa correta conceituação. E aqui se tropeça com a confusão de uma série de definições, em sua maioria parciais ou incompletas, algumas contraditórias. Eis a análise das que foram possível recolher.

(a) Figura no dicionário enciclopédico abreviado Espasa — Calpe (de 1932) a que é considerada a mais vulgar:

"Guerrilha — grupo de civis, geralmente não muito numeroso, que, sob o comando de um chefe próprio e com pouca ou nenhuma dependência do exército, acossa e perturba o inimigo."

A guerra de guerrilha, que não aparece nesse dicionário, será logicamente a que as guerrilhas realizam. A definição apresentada baseia-se em três pontos:

- forças componentes: bandos de civis;
- relações com operações de exército regular: pouca ou nenhuma;
- finalidade: acossar e perturbar o inimigo.

(1) Cel Demange: "A guerrilha — aspectos atuais".

(b) Nossa "Doutrina Provisória para o emprêgo tático das Armas e Serviços" trata ligeiramente (artigo 59) da guerra de guerrilhas, definindo-a assim:

"A guerra de guerrilhas constitui um meio de hostilizar o inimigo, obrigando-o a distrair forças para a proteção de estacionamentos, comboios, comunicações, centros de produção e de abastecimentos, povoações e, de um modo geral, para realizar tudo quanto possa prejudicar o desenvolvimento de suas atividades bélicas."

Esta definição se fundamenta em um só conceito: a finalidade — encaixada em um quadro de guerra regular; portanto, pressupondo-se dois exércitos em presença. Então, parece ser incompleta, em vários sentidos. Cabe perguntar se a atividade dos bandos de guerrilheiros, num ambiente de guerra subversiva, nas fases anteriores à criação ou aparecimento do exército regular rebelde, não se poderá chamar guerra de guerrilhas. Na Argélia, onde o exército francês não chegou a combater o exército regular argelino, não se realizou uma autêntica guerra de guerrilhas? E que dizer-se da luta de Fidel Castro, e mesmo dos contra-revolucionários cubanos, em Sierra Maestra? Supondo-se a inexistência de guerrilhas, na retaguarda inimiga — uma atividade intensa de golpes de mão, com unidades de "comandos", que obrigassem ao desvio de forças para proteger estacionamentos, etc, — poderia chamar-se guerra de guerrilhas?... Repetimos, definição incompleta, por não estar baseada a não ser na finalidade e por não compreender esta a totalidade dos objetivos que atualmente se podem designar, numa luta desta natureza.

(c) No folheto "Aspectos gerais da luta de guerrilhas", se bem que não apareçam as definições de "guerra de guerrilhas" e de "guerrilha", define-se "luta de guerrilhas" como sendo:

"a sabotagem com violência, executada não por indivíduos ou pequenos grupos, mas por bandos organizados"

entendendo-se por "sabotagem" as "ações físicas que têm por objetivo danificar a máquina de guerra do inimigo, embora realizadas independentemente e sujeitas a um planejamento prévio". Aqui se fala somente da sabotagem, que é apenas uma das formas de atuarem as guerrilhas.

(d) Em artigo publicado na revista *Exército*, podemos ler:

"A guerra de guerrilhas é uma ação bélica especial e irregular, que não é regida pelas normas gerais da guerra."

Definição negativa — logo, imprecisa. É baseada exclusivamente na maneira de proceder, que afirma não ser a mesma que a da guerra em geral.

(e) Noutro artigo, define-se:

“Guerra de guerrilha é o conjunto de ações que, — na retaguarda do inimigo, em tôda a extensão do território por êle ocupado, e de forma permanente, — realizem pequenas unidades do exército, com o objetivo de facilitar a atuação do exército regular, de manter o espírito de luta entre a população civil e de criar um ambiente tal que o exército inimigo desgaste seus meios ou se retire do país, por lhe faltarem as condições para viver e combater.”

Esta é mais completa do que as anteriores, notando-se que se baseia no espaço onde se luta, nas forças empenhadas, no tempo e na finalidade da luta.

Tratando-se de aplicar esta definição a casos concretos, verificamos que ela não é cabível em todos. Fala de uma retaguarda do inimigo, e conviria aclarar êste conceito, pois se o entendermos como “o espaço que se estende por detrás de uma força”, tal como está nos nossos regulamentos — onde se achava a retaguarda na Indochina, Cuba e Argélia, quando aí se iniciou a luta de guerrilhas? E se as guerrilhas devem ser pequenas unidades do exército regular — o que foram as guerrilhas da nossa guerra de independência, e as da Indochina, Cuba, F.L.N., etc? No que tange à finalidade, pressupõe também a existência de dois exércitos enfrentando-se.

(f) Para completar êste conjunto de definições, vejamos agora duas que figuram nos respectivos regulamentos do exército dos EE.UU. Primeiramente, no “Dicionário Terminológico do Exército dos Estados-Unidos” (320-5-1, Especial, de Ago 50) aparece, sobre guerra de guerrilhas:

“atividades levadas a cabo contra um inimigo por pessoal que segue devotadamente uma causa, mas não pertencente às forças militares organizadas e reconhecidas”.

Estriba-se esta nas forças que realizam o tipo de luta em estudo, mas neste mesmo aspecto está diametralmente oposta à definição anterior.

(g) Por último, o FM 31-15 (VI) “Operações contra ataques aerotransportados, ação guerrilheira e infiltração” dá esta definição:

“A guerra de guerrilhas consiste em operações levadas a cabo por forças independentes, geralmente na retaguarda do inimigo. Estas operações são normalmente realizadas por forças irregulares, atuando nitidamente separadas ou mesmo em conjunto com forças regulares, — embora às vezes possam ser realizadas por forças regulares. O objetivo das guerrilhas é, em princípio, fustigar o inimigo, retardar e prejudicar suas operações militares. A guerrilha se caracteriza comumente pelo amplo emprêgo de táticas não ortodoxas.”

Agora, levaram-se em conta as forças participantes, o espaço, a finalidade e os procedimentos. É curioso observar-se como no exército norte-americano também não existe acôrdo sobre se o guerrilheiro deve pertencer ou não ao exército regular. (VII).

À vista de tôdas as definições apresentadas, dois detalhes despertam nossa atenção. É o primeiro, que na maioria delas se entende que existem dois exércitos regulares adversários, em cujo benefício (ou contra) as guerrilhas atuam; assim, excluem-se as ações guerrilheiras realizadas no quadro de uma guerra subversiva, anteriormente à criação ou atuação do exército regular rebelde (como já assinalado antes). O segundo detalhe é que, ao falar de "guerra de guerrilhas", compreende-se sempre a ação ofensiva de partidas ou guerrilhas, mas não a ação defensiva a cargo das forças inimigas que ocupam o território.

Isto está a exigir uma revisão da terminologia empregada, pois o conceito de "guerra" traz implícita a existência de duas forças antagônicas e, portanto, compreende tôdas as ações realizadas por ambas, dentro da guerra. É de se considerar, assim, que a expressão "guerra de guerrilhas" deve ser interpretada num sentido mais amplo do que os aqui mostrados, abarcando o conjunto de tôdas as ações, tanto dos guerrilheiros como dos antiguerrilheiros.

Na guerra regular, distinguem-se duas formas de ações, segundo se marche rumo ao inimigo, para atacá-lo, ou se espere a sua acometida, procure-se evitá-lo ou retardá-lo; num ou noutro caso, denominar-se-á "ação ofensiva" ou "ação defensiva". Anàlogamente, pode-se admitir que na guerra de guerrilhas seja cabível diferenciarem-se dois aspectos: o da ação desenvolvida pelas guerrilhas, que se pode chamar de "ação guerrilheira", e o das contraguerrilhas, que se pode denominar "ação antiguerrilheira". (VIII).

Assentadas estas premissas e julgando-se agora oportuno ensaiar uma definição, visando colocar em foco o problema em tôda a sua extensão, poderíamos dizer que —

"guerra de guerrilhas é a ação bélica especial, desenvolvida em um território, entre uma força que o ocupa e controla, e que pretende conservar esta situação, — e outra força constituída por grupos armados, a serviço de uma idéia, apoiados pela massa (ou por parte) da população civil que habita aquele território, e que constitui a retaguarda deles, — com a finalidade de cooperar, direta ou indiretamente, para o êxito das operações do exército regular próprio ou aliado, e de estorvar as do inimigo, ou de criar as condições necessárias para arrebatar o contrôlo do referido território à força contrária".

Com esta definição (IX), de sentido amplo, dentro da qual é possível distinguirem-se os dois aspectos mencionados — ofensivo ou "ação guerrilheira" e defensivo ou "ação antiguerrilheira" — devemos convir

que, tal e qual na guerra regular, a de guerrilhas conta com seus próprios princípios e atitudes, sua estratégia, sua tática, sua logística, sua organização, etc. (X).

Passaremos, agora, a uma breve análise da relação entre a "guerra de guerrilhas" e os outros três tipos de guerra (2).

d. Guerrilha e Guerra Convencional (ou atômica)

Ninguém duvida de que, em caso de uma guerra de qualquer destes tipos, — que poderiam ser agrupados sob a denominação de "guerra regular" — simultaneamente com a batalha dos exércitos haverá uma "guerra de guerrilhas", na retaguarda dos mesmos e na zona do Interior de cada um dos países beligerantes. A finalidade das guerrilhas será a já ressaltada, de facilitar as operações do respectivo exército e dificultar as do inimigo.

As operações de guerrilhas poderão servir a um fim tático (por exemplo, dificultar movimentos de reservas) ou a um fim estratégico (como inutilizar determinada indústria básica do inimigo). Portanto, estarão mais ou menos interligadas às operações regulares dos exércitos, ou no mínimo as beneficiarão indiretamente. Em consequência, a coordenação deverá realizar-se, via de regra, nos escalões mais elevados: Teatro de Operações, Comando Supremo.

e. Guerrilha e Guerra Subversiva

O terceiro tipo de guerra — a "subversiva" (XI) — não podendo desligar-se do uso das guerrilhas, apesar disto também não pode ser confundida com estas. São dois termos diferentes, mas relacionados.

Define-se a "guerra subversiva" como "a ação conduzida no interior de um território controlado por uma autoridade de fato ou de direito, considerada como inimiga por uma parte de sua população, ajudada e reforçada ou não do exterior, com o fim de arrebatara àquela autoridade o controle do referido território, ou ao menos de paralisar a sua ação". (3) (XII).

À primeira vista, esta definição se parece muito com a que foi apresentada anteriormente para "ação de guerrilha", porém cada qual responde a um conceito diverso. Aqui, fala-se de uma ação que se reveste de formas distintas: política, psicológica, de sabotagem, terrorista, militar, etc. Lá, refere-se a "ação bélica... realizada por grupos armados..."; poderá ser, portanto, uma forma de ação militar, no quadro da guerra subversiva.

(2) Veja-se "As Três Guerras", do Gen Díaz de Villegas — série de artigos publicados nos n.ºs 272, 275 e 278 da revista *Ejército*.

(3) Cel Rocolle: "As constantes da guerra subversiva" (*"Revue de Défense Nationale"*, Paris, fevereiro de 58.)

Nesta definição, vê-se que a finalidade que se persegue pela luta de guerrilhas, em uma primeira fase, é distinta da clássica, já que não há exércitos combatentes. As guerrilhas constituem-se no único elemento militar que, enfrentando o adversário, trata de conseguir "criar as condições necessárias para arrebatar o controle do território ao inimigo", isto é, de conquistar algumas bases para o exército regular, donde ele possa dar início às operações decisivas. Ainda que seja unânimemente aceito que a ação guerrilheira não pode chegar a decidir a contenda, por si só, o fato é que a experiência demonstra que, em certas ocasiões, ela pode criar um clima capaz de provocar uma solução (como nos casos de Cuba e Argélia). Numa fase final, surge então o exército regular, do mesmo partido das guerrilhas, e a ele caberá agir decisivamente. Somente a partir deste momento as guerrilhas atuarão na sua forma clássica, ou seja, estorvando as operações do exército inimigo e facilitando as do seu próprio.

"Sob o aspecto militar, o exército se apresenta em três estágios: guerrilhas, tropas provinciais e tropas regulares; as duas primeiras servem para proteger a força regular, à qual são dispensados todos os cuidados". (4).

A guerra de guerrilhas é um meio militar que a subversão adotou e que emprega em larga escala, pois, como disse Mao-Tse-Tung, "um exército vermelho, força principal, sem o apoio da população em armas e da guerrilha, seria um guerreiro maneta".

— II —

A AÇÃO GUERRILHEIRA

a. A ação guerrilheira pode ser definida como "um aspecto da guerra de guerrilhas, consistindo na ação bélica especial desenrolada num território ocupado e controlado pelo inimigo, por uma força constituída por grupos armados, a serviço de uma idéia, apoiados pela massa ou por parte da população civil habitante desse território, e que representa a retaguarda deles — com a finalidade de cooperar, direta ou indiretamente, para o êxito das operações do exército regular amigo (nacional ou aliado), e de estorvar as do inimigo, ou criar as condições para arrebatar deste o controle do referido território". (XIII).

Passemos agora a considerar alguns pontos importantes da guerra de guerrilhas, sob o prisma da ação guerrilheira.

b. Os Princípios

Devemos convir em que os princípios que regem a guerra regular são perfeitamente aplicáveis à luta de guerrilha: vontade de vencer, ação combinada, surpresa, liberdade de ação, economia de forças, aproveitamento do êxito. (XIV).

(4) Veja-se "A guerra revolucionária e a arma psicológica" — conferência pronunciada pelo Cel Lacheroy, na Sorbona (2 Jul 57).

Nossa doutrina provisória destaca, como princípios fundamentais de emprêgo das guerrilhas, a "surpresa" e a "audácia".

Vendo-se os chamados "Sete Pontos principais da tática de guerrilhas", que figuram em um documento vietnamita divulgado pela 2ª Seção do EM das Forças Terrestres Norte-Vietnamitas, e que foram aplicados na China, Indochina e Argélia, encontram-se os seguintes: inteligência, iniciativa, força de vontade, decisão, segredo, rapidez e perfeição.

Deve-se juntar a êstes princípios um outro, que, conforme o juízo de destacados técnicos neste tipo de luta, é o mais importante: o da "solidez da retaguarda". Mao-Tse-Tung, ao analisar as constantes da guerra revolucionária (e o que são elas, senão os princípios?) (XV), dizia: "Distingo cinco, porém o primeiro é o mais importante dos fatores que atuam constantemente: o da solidez da retaguarda." "A solidez da retaguarda coloca-se à frente do número e qualidade das divisões, do armamento destas, da capacidade de organização dos quadros do exército." E acrescentava: "Quando é preciso passar à contra-ofensiva, deve-se pensar nos fatores, que são, naturalmente: o inimigo, o terreno, a missão, os meios; porém só há um que é realmente essencial: a solidez da retaguarda. Se não se conta com esta, nem vale a pena começar." Princípio que se deve considerar antes de iniciar uma ação de guerrilhas, assegurando-se a existência de uma retaguarda estável, compacta, capaz de suportar o peso da luta. Se não se dispõe dela, há que tratar de conseguí-la e se não se consegue, "não vale a pena começar".

Todavia, dissemos (ao definir a ação guerrilheira) que sua retaguarda é constituída pela população civil que habita o território convulsionado, — sendo esta a característica diferenciativa dêste tipo de guerra: a superposição, em um mesmo espaço geográfico, da zona de combate e da retaguarda. (XVI).

Portanto, conforme já se disse (5), "o problema número um é o de ter na mão as populações que servem de apoio a esta guerra, e no meio das quais ela tem lugar. Quem as atrair para seu lado ou as puser na mão — já terá vencido". E o Cel Demange afirmou: "condição imperativa, primordial, é o apoio da população, obtida voluntariamente ou, à falta de coisa melhor, conseguido pela violência". Esta premissa não implica em que, necessariamente, a totalidade da população deva estar do lado das guerrilhas, para que estas possam iniciar sua ação. E' ainda Demange quem diz:

"Miksche considera viável a fórmula a seguir: 2 a 3% sòmente de rebeldes ativos, apoiados por uns 10 a 20% de simpatizantes; o resto do país, desejoso acima de tudo de poder viver em paz, manterá em relação a êles uma atitude passiva e inclusive hostil. (XVII). Quando os habitantes, em sua maioria, tiverem aderido espontâneamente às

(5) Cel Lacheroy — ver obs. (4).

idéias e fins pelos quais luta a guerrilha, — é fácil a tarefa desta.” “Creio que devemos abandonar por completo o conceito de que as guerrilhas se bastam por si mesmas, com a “colaboração” de alguns elementos da população civil. Importante, fundamental, não é o número dos colaboradores, mas o fato de existir uma verdadeira organização paralela à das guerrilhas, encarregada de criar, manter e ampliar a retaguarda.” “O controle ou a conquista da população repousa na existência de uma organização político-militar-territorial conducente à militarização.”

Essa organização — que cumprirá as funções da “base logística” e de grande “rede de informes” — deverá estar forçosamente arraigada na massa da população, e em íntima coordenação com as guerrilhas. Quando se contar com a população, ainda que somente de forma reduzida, mas com perspectivas de ampliação, — aí, as guerrilhas poderão iniciar sua ação. Intentá-lo antes seria “puro romantismo” (Cel Demange).

c. Os Processos

É lógico que os processos empregados numa guerra de guerrilhas diferem dos empregados numa guerra regular; o que se compreende facilmente, já que esse tipo de luta se desenvolve em condições totalmente diferentes. Esta circunstância, que lhe valeu a denominação de “guerra irregular”, cremos não deva ser interpretada de modo absoluto, mas até bem geral.

A luta de guerrilhas se processa em forma de pequenos combates independentes, a cargo de diferentes grupos, entre os quais não é necessária uma estreita coordenação (XVIII), como ocorre na guerra regular, entre duas unidades vizinhas. Naquela luta será possível maior iniciativa, não condicionada por normas nem por regulamentos (XIX). A prática de estratégias, de ardis, será a todo momento usada, à procura da surpresa.

Porém, não quer dizer que os procedimentos sejam sempre irregulares. Algumas vezes, ao menos em certas fases da ação, o “modus operandi” da guerrilha será idêntico ao adotado por uma pequena unidade no ataque a objetivo semelhante, na guerra regular. (XX).

Aqui poderíamos dizer, em coerência com a nossa doutrina, que — a aplicação acertada, em cada momento, dos procedimentos mais adequados, exprime bem a capacidade de um chefe guerrilheiro.

d. Estratégia

A luta de guerrilhas tem suas próprias normas e constantes estratégicas, que importa estudar e conhecer. Geralmente não se aborda este aspecto do problema e, além do mais, não se distingue dos aspectos tático e logístico, que costumam ser tratados em mais profundidade e mais detidamente. A sua importância, mesmo assim, é fundamental.

Numa ação guerrilheira, a estratégia responderá, entre outras, às perguntas abaixo:

— *Quando?* — Vimos que, para ter garantia de êxito, é preciso preparar a retaguarda, dando-lhe a necessária solidez. Esta preparação ficará normalmente a cargo de elementos alheios às guerrilhas, se bem que, eventualmente, possam estas próprias colaborar para aquele fim. A organização guerrilheira, por sua vez, ir-se-á processando dentro de certos prazos. Estes fatores, além de outros de diversa natureza, indicam qual o momento mais propício para ser desencadeada a guerra de guerrilhas.

— *Onde?* — O terreno é fator essencial neste tipo de luta. As regiões acidentadas e dificilmente acessíveis aos meios motorizados são tradicionalmente reputadas como favoráveis às guerrilhas. Porém, não é menos certo que, para que as suas ações tenham real efeito, deverá o inimigo ter necessidade daquelas regiões. (XXI). Afirma Mao-Tse-Tung que não interessa aos guerrilheiros permanecer nos desertos, porquanto o inimigo não vai aos desertos... E há mais: entre várias regiões, umas serão mais valiosas, pelos objetivos que contenham, do que outras. A estratégia é que definirá onde vai ser feito o esforço principal, ou seja, onde se conduzirão as operações com maior intensidade.

— *Para que?* — Eis a finalidade. Será preciso marcar objetivos gerais e os fins a atingir na luta de guerrilhas. Tudo isto coordenado e em benefício das operações do exército regular (se existir), ou de acordo com a política geral da guerra — seja regular, seja subversiva.

e. Tática

A tática responderá à pergunta: “como levar a cabo as operações para alcançar os objetivos propostos”?

Toda operação guerrilheira deverá ser preparada minuciosamente, baseando-se em informações amplas e de confiança. Tem-se que ter em mente que “se a vitória não está assegurada, é preciso saber abandonar o plano de ataque e aguardar ocasião mais favorável” (conforme consta dos “Sete Pontos...”, já referidos).

A atenção para tais minúcias se impõe principalmente visto como, uma vez demarrada uma ação, quando a guerrilha houver iniciado seu movimento em demanda do objetivo, por grupos dispersos, será muito difícil — talvez impossível — modificar o plano traçado, a não ser que haja facilidade de ligações. O segredo, preocupação constante da guerrilha, há de ser conservado antes, durante e após as operações. Não é possível pensar-se em ligações rádio, pois, dada sua vulnerabilidade, seriam sem tardança localizadas as estações pelo serviço de escuta inimigo. Cada grupo, cada homem saberá por onde aproximar-se do objetivo, o que lhe tocará fazer e por onde se retirará, para que tudo seja executado com o máximo segredo e rapidez.

f. Logística

A logística responderá à pergunta — “com que”? Repetimos que as guerrilhas se apóiam em sua retaguarda, constituída pela população civil. Em princípio, aproveitarão ao máximo os recursos naturais oferecidos pela região. Como certos elementos, notadamente armamento e material, não poderão ser conseguidos assim, e outros escassearão ou não serão suficientes — devido ao contróle exercido pelo adversário, que por este meio estará minando a organização guerrilheira — haverá que valer-se de outras fontes, tais como depósitos secretos, estabelecidos previamente (se possível), e abastecimentos oriundos do exterior, transportados por meios aéreos, navais ou terrestres.

Por outro lado, pensar em sustentar uma guerra de guerrilhas exclusivamente com estes últimos meios seria bastante arriscado. Não se olvide que “o fator essencial da superioridade do guerrilheiro sobre o soldado regular é a simplicidade das exigências daquele” (segundo Rougeron); e que o guerrilheiro pode satisfazer a maioria de suas necessidades básicas valendo-se dos recursos da área em que combate.

O problema logístico deve estar resolvido antes de se iniciar a luta de guerrilhas. Será um ponto importantíssimo a se encarar nas fases que precederam àquele início.

Finalmente, considerando-se (com o Cel Demange) que “a guerrilha é a estratégia de 1 contra 10, a tática de 10 contra 1, a ação psicológica de 1 que vale 100”, — poderíamos agora dizer que é também “a logística da exploração de cem por cento de recursos locais”.

g. Organização

Todos os que se preocupam com este problema — ou, pelo menos, a maioria — estão acordes em que a guerra de guerrilha já não pode ser improvisada: tem de ser preparada. (XXII).

Há tratadistas que a consideram como uma “arma de dissuasão” muito eficaz. Diz o Cel Demange: “o próprio fato, que não pode ser ignorado, da preparação para a luta de guerrilhas, demonstrará ao agressor em potencial a resolução do povo, a sua indômita vontade de lutar pela sobrevivência; isto será o mesmo que se possuir a bomba atômica: um poderoso fator dissuasivo da guerra”.

Entendemos que a organização guerrilheira deva reunir três características fundamentais:

1.ª — Territorialidade.

Cada partida ou guerrilha terá uma zona designada, dentro da qual atuará. Isto se impõe por duas razões: a de que todos os homens da guerrilha devem conhecer perfeitamente o terreno e a população em cujo meio operam; e a de que é necessário evitar interferência dos diferentes bandos entre si, ao mesmo tempo permitindo-lhes ampla iniciativa dentro das diretrizes recebidas.

As hierarquias guerrilheiras, preparadas e reconhecidas com antecedência, também se adaptarão a este critério de territorialidade, (XXIII) devendo ser recrutadas dentro da zona onde vão exercer a chefia.

2.^a — *Flexibilidade.*

Na organização das guerrilhas, esta é uma qualidade que será levada em particular conta. Se as guerrilhas vão atuar em zonas diferentes — pelo terreno, a demografia, o caráter individual e o grau de receptividade à influência guerrilheira — é lógico que não poderão ter a mesma constituição.

Fixar uma “guerrilha-tipo”, com um determinado número de homens, (XXIV) seria como “regularizar” o instrumento de uma guerra irregular. Para os restritos fins de dar instrução tática de guerrilhas, será aceitável estabelecer-se uma organização padrão, porém isto na prática não parece conveniente, nem sequer possível, como mais adiante vamos ver.

Não é a quantidade, e sim a qualidade, o que é verdadeiramente importante. Em toda guerrilha haverá uma série de funções, de combate e técnicas, que precisarão ser desempenhadas por homens capazes. Tais funções poderão ser fixadas, de um modo geral; mas não o número de indivíduos de cada uma delas, que devam constituir a guerrilha. Este número somente será estabelecido em função das circunstâncias concorrentes, em cada caso particular, com as limitações de um mínimo julgado indispensável à eficiência da guerrilha, e de um máximo imposto pela segurança e pelos recursos de toda espécie de que poderá dispor.

Assim, vemos que na obra “Aspectos gerais da luta de guerrilhas” (anteriormente citada) está dito que o efetivo da guerrilha varia entre 40 e 200 homens. Alguns tratadistas reduzem esses limites para 20 e 150. O certo é que se aceita uma ampla margem de variação.

Ademais disto, dentro da guerrilha convém distinguir duas organizações, que poderíamos denominar “de comando” e “operacional”. A organização “de comando” compreende todas as pessoas que a integram. A “operacional” se adota para cada ação específica, e desta depende obviamente. A primeira se constituirá de combatentes, especialistas em comunicações, destruições, saúde, etc; a segunda, somente de quem a mais seja necessário para a operação em vista. (XXV).

3.^a — *Progressividade.*

Do ponto de vista orgânico, a guerrilha deve ser flexível, ter vida própria, e não ser um elemento estático. Além de suas missões peculiares, caber-lhe-á a tarefa de recrutar indivíduos, instruí-los e com eles organizar e adestrar novas guerrilhas.

Há que considerar que um dos recursos que oferecem as áreas sob ação de guerrilheiros é precisamente o potencial humano. As baixas nas

guerrilhas têm de ser cobertas com partidários da sua causa, que a elas queiram incorporar-se. Se lhes faltar instrução, tem-se que ministrá-lhes; de qualquer forma, treiná-los neste tipo de luta e no perfeito conhecimento da região.

Os bandos surgirão espontaneamente ou orientados por elementos especialmente dedicados a esta tarefa (dos quais se falará depois); também ocorrerá que muitos indivíduos irão recompletar bandos já existentes, ou engrossar suas fileiras, chegando a ser impositiva a necessidade e a conveniência de fracionar-se em dois, dividindo-se igualmente a zona de ação. Este processo se repetirá quantas vezes haja interesse, resultando assim uma reação em cadeia.

As pequenas unidades ou os indivíduos do exército regular que tenham sido ultrapassados pelo inimigo e que não contem com possibilidade alguma de se reunir às suas forças, deverão constituir-se em guerrilhas; porém, isto só poderá ser feito com bons resultados quando já exista uma organização de guerrilheiros (ou quinta-colunas) na área, que os acolha e os proteja, inicialmente. A não ser assim, pensando numa guerra futura, cremos que seria de se esperar a anulação, em curto prazo, daqueles elementos. Não nos esqueçamos de que o nosso provável inimigo — o comunismo — é mestre na guerra de guerrilhas, da qual tem larga experiência; conhece perfeitamente a técnica de controle da população e, desde o primeiro instante, contará com simpatizantes e partidários ideológicos, que atuarão em seu benefício. (XXVI).

h. O Exército e a Guerra de Guerrilhas

Enfim, qual será o papel do exército regular relativamente à guerra de guerrilhas?

Pensamos que isto poderia ser respondido, — em termos gerais e cingindo-nos aos aspectos abordados neste trabalho, — com quatro palavras somente: preparar, provocar, controlar e apoiar (a ação guerrilheira).

1.º — Preparação.

Compreenderá a organização e a instrução das guerrilhas e das hierarquias guerrilheiras territoriais. Esta preparação se efetuará desde o tempo de paz e será continuada mesmo depois de iniciada a luta no território ocupado pelo inimigo. Inclui-se nesta tarefa, por exemplo, a instrução no manejo de armamento e material fornecido às guerrilhas, e que não sejam bastante conhecidos.

2.º — Provocação.

Mesmo que na retaguarda inimiga haja ambiente favorável ao desencadeamento duma guerra de guerrilhas, nos primeiros momentos pesará sobre a população uma inércia que normalmente retardará o

comêço da luta. Será preciso que os habitantes sejam provocados e estimulados, mediante intensa ação psicológica e pela aparição dos primeiros bandos guerrilheiros. (XXVII).

Esta provocação, esta faísca iniciadora, irá sendo repetida em diversos pontos, que logicamente se distribuirão segundo uma concepção estratégica do comando.

3.º — *Contrôle.*

Este deve-se entender no sentido de fixação de diretrizes, que naturalmente serão coerentes com as operações do exército regular e com a política de guerra desta facção. Também terá o sentido de encaminhar e fiscalizar a atuação das forças guerrilheiras na sua forma correta.

Deve-se supor que ao lado das guerrilhas promovidas e organizadas pelo que poderíamos chamar organismo oficial guerrilheiro, aparecerão outros grupos combatentes, surgidos espontaneamente, fruto do espírito de resistência da população, que atuarão por conta própria, alheios às diretrizes emanadas do comando. Alguns tratadistas opinam que tais grupos não participam da guerra de guerrilhas; seja como fôr, este fenómeno, que precisamente se dará com tanto maior profusão quanto maior seja a fortaleza espiritual da população, lançada decididamente à luta contra o opressor, — deve ser aproveitado adequadamente. Não se podem deixar entregues à própria sorte estas guerrilhas “não controladas” (ou “fora de contrôle”); ao invés, é necessário tratar de incorporá-las à organização guerrilheira. E não será este um aspecto importantíssimo do encargo geral de contrôle, pelo exército?

Coisa diferente poder-se-ia dizer daquelas hostes que, convidadas a se incorporarem ao movimento oficial guerrilheiro, neguem-se a acatar ordens e pretendam fazer campanha por sua conta, buscando outros fins, tais como o lucro pessoal. Serão seus componentes nada mais que bandoleiros e como tais deverão ser considerados.

4.º — *Apoio.*

Quando tratamos de logística, vimos que as guerrilhas se apóiam sobretudo em sua retaguarda — que é a população civil. Porém, como isto nem sempre é suficiente, podem precisar ser abastecidas de fora, quanto a alguns itens, tais como armamento, material de comunicações, explosivos, etc. Esta será outra importante responsabilidade do exército regular. Em ocasiões menos frequentes, poderá apoiá-las com outros meios, para certas operações (ações aéreas, comandos, etc.).

Esclareçamos que êsses quatro encargos, expostos de maneira sucinta, não se apresentarão em toda sua amplitude, em qualquer tipo de guerra de guerrilhas em que o exército tenha de cooperar. Não se deve pensar unicamente nas hipóteses de ocupação parcial ou total do nosso território por um inimigo, mas também de intervenção nossa em território ocupado por ele — seja em um país aliado limítrofe, seja até no próprio país inimigo.

Para se desincumbir de tôdas essas missões, o exército necessita dispor, além de um órgão diretor (6), de equipes especialmente preparadas e treinadas, e contar com uma doutrina que lhes sirva de orientação. Sua tarefa seria organizar, instruir, controlar e abastecer um núcleo importante de guerrilhas. Sua composição, na base de uns 15 a 20 homens, compreenderia, em princípio, especialistas em armamento, destruições, comunicações e saúde. Para infiltrar-se em território inimigo, por terra, mar ou ar, deveriam estar habilitados em pára-quedismo, esquiação e natação submarina.

É assim que a questão tem sido encarada em alguns Exércitos estrangeiros. Por exemplo, no dos EE.UU. existem os chamados Grupos de Forças Especiais (7), formados por equipes de composição variável com a missão, ainda que tendo estrutura similar; e essa missão é "infiltrar-se por terra, mar ou ar, até a retaguarda inimiga, e organizar, instruir, abastecer, controlar e dirigir um "regimento" de guerrilhas, para levar a cabo operações dêste tipo". (XXVIII).

Não é normal que o exército regular — por si mesmo, isto é, por meio de suas unidades — realize a guerra de guerrilhas (dizendo-se exército quer-se referir à organização e não aos indivíduos que o integram).

O fato de que na instrução militar se inclua um ciclo de guerrilhas, e de que todo soldado ou unidade ultrapassada pelo inimigo tenha a obrigação de prosseguir lutando como guerrilha (caso não possa voltar ao seu elemento), — não deve levar-nos à idéia de imaginar a guerra de guerrilhas como o combate de pequenas unidades de forças regulares na retaguarda inimiga. Isto se encaixaria melhor na moderna concepção da tática de "infiltração" (8), mesmo assim não o seria no exato sentido que hoje se dá a esta forma de luta. Não devemos confundir o fato de que a guerrilha deva ter uma organização militar, com o de que deva pertencer ao exército regular. O exército que faz a guerra de guerrilhas é o organismo militar guerrilheiro; seu soldado — o guerrilheiro — é único, qualquer que seja sua procedência (civil ou militar).

O exército regular está voltado para a missão que lhe foi atribuída: travar a batalha decisiva com o exército inimigo. Para êste fim, "explorará" a guerra de guerrilhas, não significando isto que tenham que ser suas unidades as que sustentem esta espécie de luta. Se assim fôsse, seriam cabíveis, entre outras, as seguintes perguntas: — não se afrouxaria o estímulo da população civil, permanecendo em atitude passiva, ao ver seu exército combatendo de uma maneira que a ela caberia? —

(6) O Dept. de Serviços Estratégicos dos EE. UU. desempenhou esta função na 2ª G. M.

(7) Veja-se "Um critério norte-americano sobre a criação de forças guerrilheiras", pelo Cap Pezzelle — trad. na revista *Ejército*, n. 237.

(8) Leia-se "Reflexões sobre a infiltração", pelo Cap Martin Cifuentes Y Miró — revista *Ejército*, n. 278

como seria possível, nestas condições, levar-se a luta organizada ao interior do país inimigo? — não constituiria um desperdício de forças, em detrimento da missão principal? — não se estaria abrindo mão da vantagem de mobilizar os recursos humanos existentes no território sob ocupação inimiga, com os quais se aumentaria nosso próprio potencial humano?

— III —

CONCLUSÃO

A guerra de guerrilhas não se concebe hoje como um fato espontâneo; (XXIX) a ela se atribui prévia preparação e organização.

Incumbe aos organismos da Defesa Nacional sua preparação, que terá dois ramos: um militar, outro civil. O primeiro, com vistas à organização e atuação das guerrilhas, como tais; e o segundo, voltado para a criação de uma retaguarda que sustente e apóie aquelas, no país. (XXX).

Para que isto seja possível é indispensável uma doutrina, que unifique critérios e que oriente numa mesma direção todos os esforços realizados neste campo.

Condição fundamental para o êxito de uma guerra de guerrilhas é contar com a participação ativa da população civil. Não sejamos por demais otimistas e pensemos que a ideologia comunista se mostra tentadora para certas camadas populares. Nossos inimigos não vacilarão em mentir e em adotar o disfarce mais conveniente, para conseguir para si o apoio dessa população, pôsto que conhecem o seu real valor por sua grande prática em subversão. Assim como houve pró-franceses durante a invasão napoleônica em Espanha, poderá haver colaboracionistas numa guerra futura.

Entretanto, não é menos certo que nosso povo, por seus tradicionais valores morais, por seu espírito da independência e religiosidade, e por sua própria experiência do que se pode esperar do comunismo, — se fôr o caso, saberá demonstrar uma vez mais ao mundo seu valor e abnegação. (XXXI).

— IV —

NOTAS DO TRADUTOR

I) Aplicável ao nosso Exército, embora sob o aspecto de instrução, prática, objetiva, ainda nos achemos muito aquém do que seria desejável, e é imprescindível e urgente atingirmos.

II) Não é comum a sinonímia referida pelo A. A guerra de guerrilhas é uma das várias formas de atuação numa guerra, — seja revolucionária, insurrecional, subversiva (e nestes casos ela avulta como fator da máxima importância), seja até convencional (quando ela será meramente um meio subsidiário de ação). Ver a respeito a "Conceituação de Aspectos da Guerra Moderna", do EMFA, no Mensário de Cultura Militar (Jan, Fev (62)).

III) Não existe propriamente divergência, quanto a isto: ambas as formas podem aparecer, segundo as circunstâncias, as possibilidades, as missões. A segunda é a mais comum.

IV) "Comando", com "guerrilha" pode ser confundido, pois têm alguns aspectos comuns, como sejam: a relativa independência, a audácia, a violência, a surpresa. Mas são essencialmente diferentes, quando caracterizados em detalhe. Por outro lado, todo guerrilheiro é potencialmente um sabotador, um terrorista; mas um destes, sobretudo o urbano, não possui necessariamente as condições para ser um guerrilheiro.

V) Os espanhóis denominam "guerra de independência" a que fizeram contra o reinado de José Bonaparte (1803-1813), em verdadeira "guerra insurrecional", — conforme a referida conceituação do EMFA. Ainda segundo esta, as "guerras subversivas" citadas pelo A. seriam "revolucionárias", dada a sua inspiração comunista.

VI) O FM 31-15, de Mai 61 — "Operações contra forças irregulares" — substituiu o FM 31-15, de Jan 53; parece ter sido este o consultado pelo A., pois o FM 31-15 mais antigo (de Set 41) não tratava de guerrilhas ("Operações na neve e em frio extremo")....

Diz agora o vigente:

"São variáveis as táticas empregadas pelas forças irregulares; entretanto, as que se seguem são comuns a todas elas:

(1) Táticas de guerrilhas — visam a debilitar o inimigo e obter o apoio da população; seguem preceitos bastante conhecidos: "se o inimigo ataca,... (etc.)."

Mas o A. não cita o FM 31-21 (de Set 61) — "Guerra de Guerrilhas e Operações de Forças Especiais" — que, no n. 5, define aquele tipo de guerra, e no n. 6 dá as suas características, abordando ligeiramente: apoios de que precisa (a guerrilha), aspecto políticos e legais, táticas que adota, e como se desenvolve. A conceituação é a seguinte: "A guerra de guerrilhas compreende operações de combate, conduzidas num território dominado pelo inimigo, a cargo principalmente de forças nativas, em condições militares ou paramilitares, com o objetivo de reduzir a eficiência combativa, a capacidade industrial e a força moral do inimigo. As operações de guerrilhas são realizadas por grupos relativamente pequenos, empregando táticas ofensivas. A guerra de guerrilhas se usa em apoio a outras operações militares" (regulares).

VII) Embora, realmente, entre as duas últimas definições (USA) haja uma diferença no modo de afirmar qual a origem dos guerrilheiros, a segunda delas deixa claro que, embora estes as mais das vezes sejam civis, e ajam independentemente, poderão ser elementos militares capacitados, convenientemente treinados; e, neste caso, forçosamente ligados às forças regulares. Cremos que o assunto, nesta última definição, está bem conceituado e bem explicado, e é aproveitável, quer para a guerra

convencional, quer para a revolucionária (após determinada fase de desenvolvimento). Ainda mais: é interessante notar que, na 2ª G.M., a doutrina russa fixava que o emprêgo de guerrilheiros, mesmo quando agissem em grupos mais ou menos independentes, seria coordenado por um Estado-Maior Central, diretamente subordinado ao Comitê Central do PCUS ("Doutrina Militar Soviética", 2º Vol., Bibliex, 1957 — R. L. Garthoff, trad. pelo Cel Paulo Enéas Ferreira da Silva.)

VIII) Tanto faz dizer-se "contraguerrilha" como "antiguerrilha". Suas ações, que se fazem para opor-se às das guerrilhas inimigas, compreendem ações de guerrilhas, também, ou ações de tropas regulares, — ou de ambas, colaborando mutuamente.

IX) Nesta definição, da lavra do A., ressaltam logo dois pontos: que samente um dos lados parece estar "a serviço de uma idéia"...; e que a população civil é a própria "retaguarda" das guerrilhas (conceito este muito bem aplicado, e que não é original — outros autores já o usaram). Quanto ao primeiro ponto, cumpre assinalar que é geralmente mais difícil (na guerra revolucionária) incutir-se a compreensão do dever democrático até o sacrifício, no antiguerrilheiro, do que preparar-se o guerrilheiro comunista, depois de "trabalhado" ideologicamente no sentido do ódio, da luta de vida ou morte.

X) No que respeita aos princípios, é discutível. A opinião mais aceita, e bastante lógica, é a de que a "guerra de guerrilhas" tem alguns princípios peculiares, mas obedece também àqueles clássicos "princípios de guerra" — imutáveis, se bem que adaptáveis. Poderíamos, no caso das guerrilhas, dar ênfase aos seguintes:

1) objetivo — 2) ofensiva — 3) surpresa — 4) segurança — 5) economia de forças — 6) massa.

O número de Fev 61 da Military Review (Ed. Bras.), o nº de Mar 57 da mesma revista, e diversos artigos dessa e de outras publicações (como "A Defesa Nacional") têm abordado a interessante questão dos "princípios de guerra".

XI) O que diz o A., para a guerra subversiva, é válido para a revolucionária (de que alguns estudiosos consideram aquela como parte integrante, como o seu período inicial — subversão); igualmente o é para a insurrecional (que tem também seu período subversivo, distinguindo-se da guerra revolucionária, sobretudo, pela inexistência da motivação comunista).

XII) Esta definição é coerente com os conceitos franceses, — firmados pela Escola Superior de Guerra, de Paris, em 1958. Difere da definição hoje recomendada pelo EMFA, e se aproxima bastante da que damos à "guerra insurrecional". (Ver M.C.M., citado na Nota II.)

XIII) Esta definição é a da lavra do A., já vista anteriormente ("guerra de guerrilhas"), retirados os aspectos que seriam de ação antiguerrilheira.

XIV) Ver nota VIII.

XV) O que o A, parece aceitar como "princípio", e que Mao analisa como "constantes", são os nossos velhos e permanentes "fatores da decisão": missão — inimigo — terreno — meios. Princípios, mesmo, não o são estes; mas a "estabilidade da retaguarda" é princípio de guerra exclusivamente soviético, como o são "Armamento (qualidade)", "Comandos (competência)" e "GU (valor e quantidade)".

XVI) "Zona de Combate", aqui, está empregado em sentido genérico: área em que se travam os combates. Não se atribua à expressão aquele caráter delimitativo, da guerra convencional, em que apareceria como a parte anterior do TO, por sua vez dividida em zonas de ação das grandes unidades (Ex, CEx, Div).

XVII) Esta idéia de que a população civil da área, desejosa de paz, poderá manter-se alheia aos guerrilheiros, e até ser-lhes hostil, é em parte verdadeira, como assinala Roger Hilsman, em "O que Giap não disse" (tradução do 1º Ten FN Sérgio S. Sanctos, in Boletim do Clube Naval, 3º trimestre de 64). No entanto, há que observar que, apesar dessas possíveis disposições da população, pode ela ser levada a apoiar efetivamente os guerrilheiros, pela ameaça, pela violência, para evitar mal maior, enfim, pelo terror. Isto será tanto mais provável quanto mais ativos e vitoriosos estiverem sendo os guerrilheiros, e paralelamente, mais tímidas, omissas e débeis as forças legais.

XVIII) A afirmativa é discutível. Sobretudo depois de as guerrilhas terem alcançado certo vulto (áreas, efetivos), como no Vietnã, suas ações sujeitam-se a mais rígido controle e coordenação, em que pese a autonomia (relativa) para o cumprimento da missão específica de cada grupo guerrilheiro.

XIX) No começo das ações de guerrilhas, é assim. Mas, à proporção que estas vão-se ampliando, em todos os campos, sua organização e preparação vão se tornando cada vez mais cuidadosas — com campos de treinamento, manuais de instrução, regulamentos, ordens especiais, etc. As normas de conduta, em particular — quer dentro da unidade guerrilheira, quer no trato com os civis — são incisivas, e seu descumprimento, freqüentemente, é pago com a vida. Exemplos disto tudo se acham no "Relatório sobre a agressão norte-vietnamita ao Vietnã do Sul", divulgado pelo Departamento de Estado dos EE.UU., em 27 Fev 65. (Publicação em português pela Bloch Editores S.A. — Rio, 1965 — sob o título "A Verdade sobre o Vietnã.")

XX) Casos típicos desta similitude, vamos encontrar na publicação da Bibliex (vol. 30, de 1964), "Ação das Pequenas Unidades Alemãs na Campanha da Rússia" — tradução do Ten Cel Celso dos Santos Meyer.

XXI) De um modo geral, a guerrilha necessita de certa área, para um de dois fins: — para ser usada como base e refúgio, facilitando o acoitamento dos guerrilheiros e a defesa destes contra as atuações an-

tiguerrilheiras (como exemplo, podemos citar a Sierra Maestra de Cuba e, atualmente, as selvas meridionais siamesas, trazendo um nôvo lance ao xadrez complicado do SE da Ásia); — e para ser usada na ampliação das conquistas territoriais (e humanas), ao mesmo passo que, dessa área, vai sendo aliado o inimigo (tanto no sentido físico como no psicológico). As duas observações do A., no texto, cabem respectivamente em cada uma das finalidades citadas.

XXII) O nosso manual C 31-20 ("Operações contra Guerrilheiros") estuda as maneiras como a guerrilha — assim chamado o bando guerrilheiro — pode ser formada, e admite dois casos: o da formação regular, digamos programada; e o da formação espontânea, em que ela surge, cresce e atua, até certo ponto, sem qualquer norma prévia. A guerra de guerrilhas, para valer-se das guerrilhas improvisadas, deverá primeiramente enquadrá-las, coordená-las para delas obter o máximo.

XXIII) O raciocínio é verdadeiro também para as ações de anti-guerrilha. É muito interessante a concepção que destas nos apresenta o Cel do EM do Ex Português, Hermes de Araujo Oliveira, em um dos seus vários e ótimos estudos sobre os problemas da guerra revolucionária e subversiva. Diz êle ("Subsídios para uma estratégia de reação" — "A Defesa Nacional" Jul-Ago 65)

"Impõe-se a implantação de um sistema apropriado, que cubra por completo o território. Este será dividido em malhas, — regiões, zonas, setores e subsetores — a serem ocupadas por forças de volume sucessivamente decrescente. Cria-se, desta maneira, uma quadrícula, tanto mais eficiente quanto mais apertadas forem as suas malhas elementares". "O dispositivo, pois, deverá ser implantado não sobre o terreno topográfico, como na guerra clássica, mas sobre a população, verdadeiro terreno em que se desenvolve a luta subversiva e seu único objetivo". De passagem, aponte-se o valor que o citado autor atribui às implicações psicológicas, que formam o íntimo desses tipos de guerra.

XXIV) O A. refere-se apenas a efetivo, mas o mesmo se poderia dizer quanto às especializações do pessoal, ao material a conduzir, etc.

XXV) A organização "de comando" seria, então, uma espécie de "núcleo-base" da guerrilha. E neste caso seria uma verdadeira "guerrilha-tipo", embora contando com a flexibilidade indispensável ao cumprimento das mais variadas missões. Este aspecto não parece bem explícito, no texto.

XXVI) Pela leitura desse período, é reforçada a convicção, que o A. deseja mesmo reafirmar, de que as tropas regulares também precisam ter instrução para atuar como guerrilhas (ou, mais apropriadamente, como antiguerrilhas). E cremos deva ser intensa, objetiva e prioritária essa instrução, pela sua oportunidade e importância, aqui no Brasil.

XXVII) Segundo as conceituações que o EMFA recomenda, e que adotamos, difere a "ação" psicológica da "guerra" psicológica em ser esta feita sobre o inimigo, enquanto que aquela se faz sobre os nossos. Em conjunto, o trabalho feito pode ser denominado "operações psicológicas"; muitos autores preferem "fôrça psicológica" (ao nível das demais "Fôrças" clássicas), ou ainda "arma psicológica" (comparável às Armas militares)...

Lembremo-nos de que, na situação apresentada pelo A., o próprio aparecimento das guerrilhas desencadeará, reforçará ou decidirá dos resultados da ação psicológica, na região.

XXVIII) O FM 31-21, citado na Nota VI, contém todos os assuntos relacionados com as Fôrças Especiais do exército norte-americano.

Estas Fôrças — que são pára-quedistas ("Airborne Special Forces Group") — têm a missão assim especificada, naquele manual (Ed. 1961, Cap 4): "... fomentar, organizar, equipar, treinar e dirigir fôrças nativas na conduta de guerra de guerrilhas"... "podem também aconselhar, treinar e assistir (essas fôrças) em operações de contra-insurreição". Refere-se, é claro, às fôrças de outros países; e o sentido de contra-insurreição (counter-insurgency) é para ser tomado, muito mais, como contra-revolução.

XXIX) O A. fala da guerra, não da guerrilha em si. Refere-se ao fato, não ao seu elemento. (Ver Nota XXII.)

XXX) Trata-se, evidentemente, duma ação de base, de âmbito nacional. Considerou o A. a possibilidade de que tal país, sendo invadido, pretenda utilizar-se de guerrilheiros (em ações típicas destes) e preparar a população civil para constituir-se de fato em "retaguarda" deles, — atuante, decidida e compenetrada.

XXXI) Logo na parte inicial do seu estudo, e agora neste período final, o A. toca no caso particular espanhol.

Não achamos razão para alterar o texto, nesses pontos, até porque a situação assemelha-se bastante à brasileira. Sômente não tivemos — graças a Deus! — a experiência de enfrentar uma guerra revolucionária comunista, ensanguentando nossa terra. Mas tivemos outra, menos terrível, porém não menos gloriosa, de perceber com nitidez o perigo e conjurá-lo a tempo, se bem que em cima da hora — a 31 de março de 1964!

